

## A CENOGRAFIA COMO PERFORMANCE: INFLUÊNCIAS DA QUADRIENAL DE PRAGA

Aby Cohen<sup>1</sup>

---

### RESUMO

Este artigo apresenta um percurso, pautado por projetos que realizei como cenógrafa e como curadora, nos quais explorei possibilidades de expor e criar cenografia no momento em que as fronteiras de linguagem aparecem borradas e em que se revela cada mais evidente e urgente a necessidade de repensar propostas e processos de criação em cenografia. Como cenógrafa, tenho buscado uma maneira própria de contar histórias, de interagir com o espaço, torná-lo vivo e pulsante, dando lugar a uma poesia criada com elementos visuais e sensoriais na concepção de cenas ou narrativas não textuais que possam existir independentes. Como curadora, tenho defendido o cenógrafo como artista e sua produção como obra, apontado também para a qualidade cênica de obras de artistas fora do teatro, do campo das artes visuais e da performance.

**Palavras-chave:** Cenografia. Performance. Desenho de cena. Teatro. Hibridismo.

### ABSTRACT

This article presents a journey in which I aim to explore new possibilities of exhibiting and creating scenography through projects developed as scenographer and curator. Considering the actual moment, when the borders between theatre and performance art are blurred, it becomes urgent to review projects and creative processes in scenography. As scenographer, I have been pursuing different ways of telling stories, not only by designing spaces, but giving it a sense of living, creating a lively place, inhabited by the poetry created with scenic design elements. As curator, I have

---

<sup>1</sup> Aby Cohen é cenógrafa e curadora, atua em teatro, cinema e exposições. Internacionalmente premiada com a *Triga de Ouro* na PQ'11 em 2011 por seu trabalho como curadora e designer para a *Mostra Nacional Brasileira na Quadrienal de Praga 2011*; e com o *IDCA - International Design Communication Awards* em 2013 pelo desenho da exposição *Mix Max Brasil*, para o Tropenmuseum, Amsterdam, 2012-2015, conquistando o 2º lugar na categoria *Best Layout Exhibition*. Curadora internacional na PQ'15, para a qual desenvolveu o tema *SharedSpace - Politics* e o projeto *No Man's Land*. Doutora em Cenografia pela ECA/USP, defendeu uma tese sobre a prática de *design* da performance na intersecção entre cenografia, instalação e exposição. É, atualmente, professora substituta de Cenografia na ECA-USP e leciona no curso de pós-graduação em Cenografia na Faculdade de Belas Artes (FBA), em São Paulo. Vice-presidente da OISTAT internacional ([www.oistat.org](http://www.oistat.org)) para o mandato 2013-2017. Recém-nomeada curadora do Brasil para a PQ'19, a ser realizada em junho de 2019. E-mail: [abycohen@uol.com.br](mailto:abycohen@uol.com.br)

defended the performance designer as artist and its work as art; also recognizing the scenic potentials and aspects on the productions created by artists outside the theatre, from the field of visual arts and performance.

**Keywords:** Scenography. Performance. Performance Design. Theatre. Hybridism.

Na cenografia reside o potencial de transformar qualquer espaço em um palco, em configurar um lugar de encontro para um acontecimento, dar vida a um elemento inerte e ressignificá-lo para torná-lo protagonista ao contar uma história; e, ainda, o potencial de transcender à realidade, conduzindo o espectador a um outro tempo e espaço. Por meio da ficção criada pela performance e seu desenho, o público é conduzido à possibilidade de uma percepção crítica da realidade, que, assim como a cenografia, pode tornar-se também efêmera e transitória, sobretudo quando os limites entre a realidade e a ficção se justapõem e se confundem.

Além de borradas as fronteiras entre ficção e realidade, assistimos mais frequentemente à aproximação de linguagens, como o que ocorre entre a cenografia, a instalação e o *design* e deparamo-nos com resultados conceituais e estéticos cada vez mais híbridas, difíceis de definir como pertencente a um ou outro território: das artes visuais ou do teatro. Este lugar, no qual identificamos um pertencimento destas propostas híbridas, buscamos redefinir conceitual a fim de sermos capazes de nos referirmos a ele. Não há, contudo, unanimidade para defini-lo e, portanto, sendo este artigo alinhado com os projetos que venho desenvolvendo e com o mais importante evento de referência mundial da cenografia – a Quadrienal de Praga (PQ)<sup>2</sup> – adoto os termos: *desenho da cena e desenho da*

---

2 Realizada pelo Instituto de Artes e Teatro de Praga e Reconhecida pela UNESCO, a Quadrienal de Praga é o principal evento mundial do “Desenho e Espaço da Performance”, incluindo: cenário, figurino, iluminação, sonoplastia e arquitetura teatral. Reúne, a cada quatro anos, profissionais, estudantes e educadores de cerca de 70 países de todos continentes. É composta por três principais seções: Países e Regiões (Nacional), Arquitetura Teatral e Estudantes. PQ’ é a sigla usada internacionalmente para referir-se à Quadrienal de Praga. A PQ’ surgiu da iniciativa do Instituto Internacional de Teatro (ITI), que tem sua sede em Praga. Fundado em 1948, o ITI tornou-se a principal instituição, com representatividade junto à UNESCO, a partir da qual outras organizações de teatro não governamentais foram criadas. O ITI baseava-se na cooperação internacional entre as áreas de criação artística, educacional e de publicação do teatro. À época de sua fundação, crescia o interesse pelo elemento visual no teatro, evidenciado por diversas exposições internacionais de artes plásticas, com destaque para a Bienal de São Paulo, o Salão de Paris e a EXPO’ 58 em Bruxelas. A Bienal de São Paulo de 1959 tem destacada importância e conexão com a inauguração da PQ’, pois foi após a bem-sucedida participação da ex-Tchecoslovaquia na exposição desenhada por František Tröster, premiada com a medalha de ouro, que o ITI pediu aos organizadores que realizassem, em Praga, uma exposição internacional de cenografia a cada quatro anos com enfoque para a produção europeia, surgindo assim, em 1967, a Quadrienal de Praga.

*performance*, reconhecidos nesses contextos, para referir-se às proposições da cenografia na cena contemporânea.

Termos estes que abrigam, além da cenografia, as demais disciplinas relacionadas à poética não textual da cena: iluminação, sonoplastia, traje, imagem em movimento e objeto cênico. Colaborando para tornar mais evidente a interdependência entre estas disciplinas na criação e produção de um desenho de cena que se apresente como corpo único e híbrido ao mesmo tempo, no qual as assinaturas individuais aparecem borradas em pró de uma assinatura compartilhada, mas ainda assim guarda a identidade de cada camada que o compõe, como propõe o filósofo e educador John Dewey em sua obra *A Arte como experiência*: “os diversos aspectos que formam uma obra se desmancham e se fundem na unidade, mas não desaparecem nem perdem seu caráter próprio ao fazê-lo, tal qual em uma conversa amistosa, há um intercâmbio e uma mescla contínuos”(DEWEY, 2010, p.111).

Este borrar de limites abre um campo fértil para explorar possibilidades do desenho da cena com base nas relações entre o real e o ficcional e entre as disciplinas do desenho da cena e também no conflito entre sua efemeridade e a eternização do efêmero. Nesse latente movimento no qual se desdobram abas de investigação sobre o desenho da performance, na prática e teoria, é necessário destacar a relevância da Quadrienal de Praga como lugar de referência, experimentação e validação e influência para o artista para repensar a cenografia e o seu processo.

Convido olharmos para a Quadrienal de Praga como lugar de confluência para as disciplinas do teatro, assim como a Documenta de Kassel<sup>3</sup> é para as artes visuais. A Quadrienal de Praga (PQ'), desde sua fundação, em 1967, e, sobretudo, no período entre 2007 e 2017, caracteriza-se por transformações que refletem as inquietudes dos artistas da cena e as abordagens contemporâneas da cenografia como performance, passando a afirmar-se cada vez mais como um lugar de referência. Na 11ª edição da PQ', em 2007, o diretor artístico Arnold Aronson<sup>4</sup> desafiou os curadores a refletirem criticamente sobre a (im)possibilidade e a validade de expor cenografia:

O Teatro tem sido descrito, muitas vezes, como a arte da ausência. O reino visível do palco implica em uma ampla abstração do mundo além. Teatro é estar no palco e nos bastidores – entre o visível e o invisível. [...]. É essa

---

3 A Documenta de Kassel é a mostra internacional de referência para as Artes Visuais que acontece a cada cinco anos, em Kassel, na Alemanha.

4 Arnold Aronson é teórico do teatro. Atualmente leciona na Universidade de Columbia, nos EUA. Foi diretor artístico da 11ª Quadrienal de Praga, a PQ2007, em 2007.

dicotomia da presença e da ausência que dá ao teatro seu poder. Se a PQ' se coloca como performance e define que o salão de exposição é o seu palco e o conteúdo presente é a cenografia, o que está ausente são as performances, às quais se referem as exposições. A PQ' seria meramente uma exposição de objetos – fascinantes, mas desprovida de sentido se não existir um diálogo entre o visível e o invisível (ARONSON, 2008, p. 07).

De certa maneira, essa, que é uma provocação ou estímulo a refletir sobre o papel e lugar da cenografia na atualidade, poderia impactar de forma negativa, levando a indagarmos sobre os rumos da cenografia e da própria PQ', contestando a validade e subsistência do próprio evento; e, ainda, sobre a existência da cenografia como linguagem fora do contexto teatral. Estaria a cenografia ameaçada como linguagem limitada e em processo de estagnação?

Refletindo sob a perspectiva da cenografia no contexto de uma exposição como a PQ', é possível afirmar que um objeto não fica desprovido de sentido simplesmente porque a performance não está lá apresentada, pois “a representação torna possível a transposição ao objeto real, a realidade objetiva necessita ser precedida de uma realidade subjetiva; nesse sentido, a tarefa do entendimento não é tornar clara a representação de um objeto, mas tornar possível a representação dos objetos” (KANT, 1989, p. 207).

Apartado do acontecimento teatral e da performance, o desenho da cena é frequentemente apresentado através de fragmentos: vestimentas, objetos, elementos utilizados nos cenários, sons, imagens, recriando, em uma nova composição e situação, uma atmosfera relacionada à performance original e, ao mesmo tempo, integrando outros elementos que estejam diretamente relacionados ao processo de trabalho do *designer*. Os fragmentos e elementos levados para o contexto da exposição, nesse caso a PQ', precisam ser ressignificados e potencializados em uma nova proposta, no lugar de apenas referenciar ou representar um evento ocorrido.

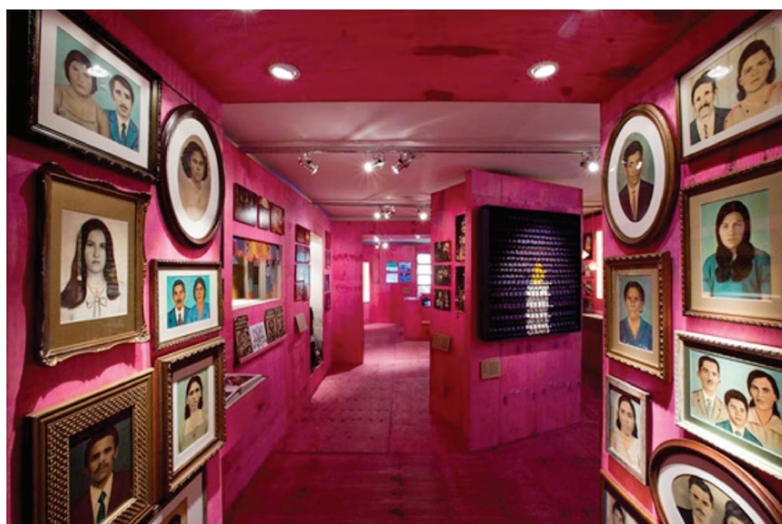
Em contrapartida, outro olhar para a provocação de Aronson conduz-nos ao encontro das inquietudes emergentes, tal qual as que pulsavam desde a primeira visita que realizei à PQ', em 1995, revelando a urgência em pensar sobre cenografia, no contexto de sua exposição, para além do objeto, fotografia ou maquete que se limite a representar a cenografia dependente do evento teatral.

A PQ' desafia continuamente curadores, artistas, educadores e estudantes do desenho da performance a explorar novas possibilidades para uma abordagem da cenografia. Convida a refletir e apresentar proposições para além de como expor cenografia: sobre o que significa expor cenografia, sobre como a cenografia passa a ser percebida e o que ela se torna quando transposta para além da cena, extraída do evento teatral; sobre

como ela resiste, ou melhor, *existe*. Encontros como a PQ' encorajam a vislumbrar a cenografia como elemento autossuficiente, narrativo, que possa existir independente, o que nos conduz a outro questionamento: será que isso é de fato possível? Se assim for, ainda será cenografia?

Diante de experiências relevantes, vivenciadas no contexto da Quadrienal de Praga e fora dela, os projetos que desenvolvi como curadora e cenógrafa – a exemplo de *Personagens e Fronteiras: Território Cenográfico Brasileiro* na PQ2011, *SharedSpace/Politics* e *No Man's Land* na PQ2015, *Desenhos de Cena #1* e *Cena #2: WSDesign Playground*, em 2016 e 2017 respectivamente – revelam a inquietude, como cenógrafa, em explorar e atuar no campo em que a cenografia deixa de ser mero suporte para uma cena ter lugar, assumindo suas qualidades narrativas e independência, potencializada e explorada para apresentar-se como performance.

Figura 1 – Foto da Exposição Nacional Brasileira na PQ'2011: *Personagens e Fronteiras: Território Cenográfico Brasileiro*



Fonte: Imagem de arquivo da produção. Praga, jun. /2011.

## TRANSFORMAÇÃO

As transformações que testemunhamos hoje devemos às Renovações Cênicas do século XX<sup>5</sup>, que abriram caminho para a cenografia e para a iluminação atuarem como coadjuvantes na cena. O simbolismo, o movimento, a materialidade e a interação entre espaço e luz foram os principais aspectos por meio dos quais o desenho da cena passou a apresentar

<sup>5</sup> As Renovações Cênicas do século XX caracterizam-se pela ruptura estética com a representação naturalista da cena e celebram o avanço tecnológico do teatro, sobretudo no campo da cenografia e da iluminação. O período das inovações cênicas marca a passagem do século XIX para o XX, tendo como principais expoentes o diretor e compositor Richard Wagner e os cenógrafos Adolph Appia e Edward Gordon Craig.

outras camadas para serem percebidas e interpretadas pela audiência, repletas de significados e que constroem narrativas complementares e não-textuais.

Ao nascer de um novo século marcado por inovações conceituais, estéticas e tecnológicas, dois cenógrafos se destacam: Adolph Appia, determinado a materializar o conceito de espaço *rítmico* como força narrativa, combinando espaço, planos e luz; e Edward Gordon Craig, questionador das formas tradicionais da ação dramática atribuídas apenas ao texto e ao ator.

Em sua obra *Da arte do teatro*, Craig propõe que o *drama* e sua representação não se limite à forma de um texto falado, mas assuma várias outras formas: sonoro, imagético, mudo, cinético. O cenógrafo apontava ainda para a limitação que a presença do drama impunha à teatralidade, diante da qual “o Teatro por sua vez ao optar por outro eixo que não o Drama caminha naturalmente em busca por outra dinâmica quando muitas vezes se aproxima da Performance Art” (CRAIG, 1963, p. 57).

Meio século mais tarde, Joseph Svoboda, considerado o maior cenógrafo do século XX, coloca definitivamente a cenografia em destaque como linguagem de narrativa poética, visual, sensorial e de movimento. Appia, Craig e Svoboda fortaleceram as bases para que hoje seja possível validar a cenografia que acontece para além do plano da textualidade.

Uma iniciativa que ainda está ao nosso alcance na atualidade e marco na materialização de propostas que colocaram a cenografia em destaque no século XX é o Lanterna Magika<sup>6</sup>, primeiro teatro multimídia do mundo, criado em 1958, em Praga, por Svoboda e pelo diretor Alfréd Radok.

O Lanterna Magika tratava-se de uma forma de teatro pautada na poética não textual da cena, resultante da fusão entre técnicas da dança, do cinema e do Teatro Negro<sup>7</sup>, explorando recursos de projeções simultâneas em telas múltiplas, conhecido como *polyekran* – dispositivo cênico que permitia sincronizar com precisão os elementos em movimento na cena: atores, cenário, luz, som e imagem projetada. Resulta um teatro de imagens combinado com performance no palco ao vivo, tornando o espetáculo compreensível por quaisquer audiências, de qualquer nacionalidade.

---

6 O Lanterna Magika foi criado após a participação dos expoentes do teatro tcheco e eslovaco na Expo '58 em Bruxelas, com a finalidade de implantar uma nova cena experimental. Entre 1958 e 1960, era apresentado no Teatro Nacional de Praga, passando, mais tarde, a outras casas teatrais da capital tcheca, atualmente sediado no Teatro Nová Scená.

7 Teatro Negro é uma forma de representação cênica essencialmente pautada pela luz, luz negra, trajes e componentes fosforescentes, imagem e movimento. Um cenário de fundo escuro que revela, através da luz e sombra, elementos que aparecem e desaparecem como que recortados nesse fundo negro. A encenação baseia-se nas técnicas da dança, da mímica e da acrobacia, na qual as narrativas são visuais e não textuais.

Não por mera coincidência, uma década mais tarde, em Praga, em 1967, nasce a PQ', mantendo-se há 50 anos como um expoente para novas e desafiadoras proposições estéticas no campo da cenografia, ampliada para o conceito de *espaço e desenho da performance*. Talvez a PQ' não seja tão conhecida como a Documenta e, aparentemente, não produza um “manifesto” tão evidente como o faz a Documenta a cada edição, mas cabe, sem dúvida, relacioná-las, respeitando as respectivas áreas de ação – o teatro e as artes visuais –, e apontar fatores que indicam essa aproximação; aproximação que delinea um território – o das artes performáticas – como ponto de intersecção entre essas duas linguagens.

A 13ª edição da Documenta, em 2012, explorou o tema do *Tempo* e sua relatividade, tendo como um dos principais expoentes o artista sul-africano William Kentridge<sup>8</sup> da– escultor, desenhista –, muito conhecido por seus filmes de animação e cuja obra é afirmadamente inspirada pela teatralidade no que diz respeito à relação entre o desenho da cena e o movimento do ator em cena. Na 13ª Documenta, Kentridge apresentou a obra *The Refusal of Time* (A recusa do tempo), vídeo-instalação que combina objetos, maquinárias e filme de animação, em uma performance de imagens e elementos tridimensionais. Ao abordar o tema do tempo e sua relatividade como eixo condutor dessa mostra de referência no campo das artes visuais e colocar no centro dessa proposição a obra de Kentridge, a Documenta claramente aponta na direção do teatro.

O *tempo* é um dos pilares da cenografia, ao lado do *espaço* e da *sonoridade*; pilares que foram destacados como tema da 13ª edição da PQ': SharedSpace: Music - Weather - Politics<sup>9</sup>, em 2015. Na ocasião, a direção artística da PQ' propôs abordar a cenografia por meio dos aspectos temporais, espaciais ou sonoros; isolados ou combinados; fragmentos, não como corpos separados, desprovidos de sentido, mas eixos que apresentam potencial latente e que aparecem compartilhados, entrelaçados em camadas nas quais podemos perceber um mais visível do que outro, mas todos presentes. Essa convergência pode ser ainda identificada em proposições curatoriais e artísticas anteriores às edições da Documenta e da PQ' aqui

---

8 William Kentridge é artista multidisciplinar e vive em Joanesburgo, na África do Sul. Seus trabalhos estão expostos no mundo inteiro em galerias e museus como MOMA, em Nova York; Albertina Museum, em Viena; Museu de Arte Moderna de San Francisco; e o Museu de Arte da Philadelphia. Em 2015, em Inhotim, Minas Gerais, apresentou sua obra *I'm not me, the horse is not mine*, a mesma que integrou a mostra *TANKS* na Tate Modern, em Londres, em 2012. Recebeu vários prêmios, entre eles o Kaiserring Prize, o Carnegie Prize e o Red Ribbon Award para filmes curtos de ficção.

9 SharedSpace: Music – Weather – Politics: tema-título da PQ2015 que pode ser traduzido como: *Espaços compartilhados: Música (Som) – Atmosfera (Tempo) – Política (Espaço)*.

citadas. De um lado, aquelas que emergem das artes visuais e que exploram claramente o conceito de teatralidade, por vezes, com a intenção de “destacar a posição do indivíduo nesta sociedade espetacularizada, explorando a dramatização e a encenação como potencial crítica, experimentação ou análises sobre a busca pela compreensão do lugar e posicionamento do indivíduo no mundo” (MORGAN, 2007.p.7), como propõem as curadoras da TATE Modern de Londres, Catherine Wood e Jessica Morgan, para a mostra *The World as a Stage* (O mundo como um palco), de 2007.

Outro exemplo dessa intersecção, ainda em direção ao teatro, é a coletânea de obras intitulada *A Poética da Imersão*, do artista belga Lawrence Malstaf, que pôde ser vista na primeira edição da FILE SOLO<sup>10</sup> em 2017, no CCBB em São Paulo, reunindo trabalhos produzidos entre 2000 e 2017 que exploram a relação entre tecnologia, linguagens das artes visuais e teatro; resultando em instalações e performances que convidam o público a uma participação performativa.

Do outro lado, pelo viés do teatro, nasce o projeto *Desenhos de Cena#1*<sup>11</sup>, apresentado em 2016 no Sesc Pinheiros, no qual procurei aliar teatro, instalação e desenho espacial (*space design*), buscando apresentar a cenografia para além de um modo contemplativo e de representação, estimulando o público a descobrir o desenho da cena como elemento vivo e pulsante: a cenografia como performance.

Observa-se, portanto, uma fronteira tênue nas proposições artísticas e curatoriais atuais, seja nas artes visuais, seja no teatro, que se caracterizam por deflagrar processos criativos por meio dos quais se materializam relações de coexistência entre o espaço, o tempo, o movimento, a sonoridade e a narrativa. A narrativa quando não textual, presente a uma obra, nesse contexto, considero como fator diferencial, aquele capaz de borrar as fronteiras entre as linguagens, criando composições identificadas pelo hibridismo de materialidade, conceito, espaço e contexto no qual é apresentada.

A cenografia está acontecendo “entre” e, portanto, a interpretação objetiva e intelectual sobre a cenografia precisa ser complementada por uma interpretação perceptiva e processual sobre a cenografia. Para fazer isso, temos que nos aproximar do objeto de nossa investigação, participar e vivenciar dos processos deste fazer e, pelo menos, temporariamente, nos libertar de uma leitura distante e analítica desta aproximação (BOSCH, 2017, p. 56-57).

---

10 FILE SOLO é a primeira edição que privilegia uma mostra “solo” no contexto do Festival Internacional de Linguagem Eletrônica – FILE. Em 2017, ocorreu, em São Paulo, a 18ª edição do evento.

11 *Desenhos de Cena #1* é um projeto concebido pela autora deste artigo e que aconteceu entre 14 de abril e 10 julho de 2016, em São Paulo.



Anne Karin ten Bosch, curadora da representação holandesa na PQ'15, em artigo publicado em *Transformations of Prague Quadrennial from 1999 to 2015*, retoma as inquietudes propostas por Aronson, isto é, o questionamento da existência da cenografia. Questionamento ao qual ela mesma responde a isso afirmando que “a cenografia não só ainda existe, mas que estamos testemunhando uma transformação cenográfica” (BOSCH, 2016, p.55). Segundo BOSCH, a cenografia está em toda parte, mas talvez já não possamos reconhecê-la por meio de um conjunto específico de propriedades a ela relacionado, como estamos habituados. A curadora indaga ainda se a cenografia já não estaria de fato dissolvida e descaracterizada em seu processo, evidente, de transformação.

A PQ' é de fato esse universo no qual a cenografia se desdobra, virando do avesso o comum e provocando inquietudes continuamente. Possui efeito avassalador sobre o modo de perceber, pensar e atuar do cenógrafo e, a cada quatro anos, renova esse olhar, sendo uma experiência da qual é difícil sair impune.

Como metáfora de uma viagem, o movimento de deslocar-se para outro lugar, buscar inspiração, para então retornar, a PQ' é o lugar no qual, a cada jornada, a paisagem é modificada, transformada. Ainda que revisitada, é sempre uma outra experiência, atualizada, como se estivéssemos sempre indo a algum lugar desconhecido e retornando para um lugar o qual já não reconhecemos, ou ainda, no qual já não nos reconhecemos.

A viagem, contudo, é pautada por experiências individuais, não havendo necessariamente unanimidade, e, por isso, torna-se rica e pulsante para o debate a troca de opiniões e experiências e, onde, naturalmente, afloram processos de desconstrução – divergir – para reconstruir – convergir.

## **PARTIDA**

Desde a minha primeira visita em 1995, a PQ'95 revelava-se um lugar único, um ponto de convergência para a produção contemporânea da cenografia mundial; um encontro de culturas, técnicas, conhecimento, formas de produção, de processo. Assim o é até hoje, consolidando-se como um lugar de referência, para onde retornam, a cada quatro anos, além de cenógrafos, outros artistas e pesquisadores das poéticas não textuais da cena. Passados vinte anos e seis edições participando da Quadrienal, é indiscutível a influência da PQ' na minha produção artística e curatorial. Retraçar essa trajetória, hoje, possivelmente não represente exatamente como ela se deu; seria um olhar sobre essa viagem no qual as reflexões e indagações atuais certamente borram percepções e inquietudes passadas, consequência de experiências acumuladas ao longo dessa jornada.

Uma trajetória pautada pela inquietude, a perseguir, esse outro lugar no qual a cenografia possa existir, latente e atuante. Assim, parti a explorar esse campo da intersecção das linguagens para outras formas de criar em cenografia que não seja necessariamente atrelada a uma narrativa textual ou restrita a uma produção teatral; a cenografia como potencial narrativo, poético, visual, sensorial, em movimento, em transformação e transformadora.

Inicialmente, parti para um processo no qual identificava a cenografia como obra, na busca pela eternização do efêmero e, também, como resposta aos questionamentos sobre como expor cenografia. Processo no qual busquei materializar o imaterial, tentando procurar reconhecer e validar outras formas de cenografia, outros espaços e outras configurações, sempre a questionar: *o que é a cenografia hoje?*

Como resultado desse processo, em 2011, ao atuar como curadora e criadora da exposição que representou o Brasil na Seção de Países e Regiões (Mostra Nacional), tive a oportunidade de explorar essas questões e materializá-las de forma expositiva, no contexto da PQ2011, defendendo a ideia de que a cenografia, no contexto de sua exposição, é obra em si e pode assumir uma diversidade de formatos e espaços, existindo inclusive na aba de um boné<sup>12</sup>. O projeto foi extremamente bem recebido, fazendo com que minha inquietude ressoasse, chegando a outros artistas de outras partes do mundo e na direção artística e no júri. A Mostra Nacional Brasileira, intitulada *Personagens e Fronteiras: Território Cenográfico Brasileiro*, recebeu o prêmio máximo da PQ', a Triga de Ouro, em junho de 2011.

### **PERSONAGENS E FRONTEIRAS: TERRITÓRIO CENOGRÁFICO BRASILEIRO<sup>13</sup>**

*Personagens e Fronteiras: Território Cenográfico Brasileiro* é um dos quatro projetos apresentados neste artigo e que ilustra essa trajetória da qual emergem proposições distintas que exploram a cenografia como performance.

Ao aceitar o convite para integrar a equipe curatorial para a representação brasileira na 12ª edição da PQ' (PQ2011), vislumbrei a possibilidade de colocar em prática propostas urgentes da minha produção como

---

12 Referência ao trabalho de Hélio Leites, artista participante da exposição que tem entre seus trabalhos pequenos palcos que existem nas abas de bonés e ganham vida quando Leites conta histórias, animando-os.

13 *Personagens e Fronteiras: Território Cenográfico Brasileiro* é o tema-título da mostra nacional brasileira exibida na Quadrienal de Praga PQ2011. Curador geral da representação brasileira na PQ2011: Antônio Grassi; curadores da mostra nacional brasileira na PQ2011: Aby Cohen e Ronald Teixeira; desenho da exposição: Aby Cohen. Prêmio: Triga de Ouro 2011.

cenógrafa, mas para as quais não encontrava de fato um lugar de ressonância. A PQ' poderia ser esse lugar, aberto e receptivo para práticas inovadoras e indagações latentes. Apesar de experiências anteriores na PQ', a de 2011 significava estar pela primeira vez à frente da principal Mostra, a Nacional (Países e Regiões); sem imaginar para onde poderia me conduzir esse projeto curatorial e expositivo.

A proposta curatorial da direção artística da 12ª Quadrienal de Praga, PQ2011, coincidentemente, desafiava a repensar a cenografia neste início de século, não apenas sobre como a cenografia é feita e os formatos que adquire, mas precisamente onde acontece e como ela se define na atualidade. Naquele momento, inclusive, o nome do evento passou de *Quadrienal de Praga de Cenografia, Indumentária e Arquitetura Teatral* para *Quadrienal de Praga: o Espaço e Desenho da Performance*.

Segundo a diretora artística da PQ2011, Sodja Lotker<sup>14</sup>, a eficácia do projeto se deu, entre outros, pelo fato de que o júri percebeu a exposição como vívida e latente. Segundo Lotker, essa vivacidade estava no fato de o projeto apresentar uma gama infinita de formas e atribuições, refletindo o que é a cenografia contemporânea: “das pequenas intervenções em lugares públicos, aos site-specific e teatros convencionais de grande escala, apresentando o urbano, o dramático, o conceitual e o antropológico, mostrando que a cenografia tem um papel importante na multiplicidade das formas performáticas” (LOTKER, 2012, p. 12-13).

O projeto permanece na memória da comunidade internacional ligada à PQ', não apenas pela materialidade pouco convencional e sua cor vibrante – matéria ordinária, extraída do cotidiano e nunca antes usada para apresentar obras em uma exposição: o madeirite, mas também “por ter atingido uma importante conquista, ao tornar uma exposição em uma performance ao vivo, no qual os performers são as pessoas presentes” (LOTKER, 2012, p. 12-13).

---

14 Sodja Lotker foi diretora artística da 12ª e da 13ª edições da Quadrienal de Praga, PQ2011 e PQ2015, respectivamente. Qualificou a mostra brasileira como um “livro-exposição” na ocasião em que escreveu para a segunda edição do catálogo nacional brasileiro, reeditado para a etapa de itinerância da mostra para o Brasil, Reino Unido e Portugal, em 2012.

Figura 2 – Foto da Exposição Nacional Brasileira na PQ2011: *Personagens e Fronteiras: Território Cenográfico Brasileiro*



Fonte: Imagem de arquivo da produção. Praga, jun./2011.

O projeto, como explicava o texto curatorial, baseava-se na ideia da cenografia “como arte provocadora que se estabelece como uma fronteira pulsante de linguagens” (COHEN; TEIXEIRA, 2011, p.11). Nessa fronteira, o desenho da exposição destacava os artistas do desenho da cena, apresentando suas criações assumidamente como “obra”, no lugar de uma representação de algo que ali não está. Ao apresentar a cenografia como obra, procuro modificar a sua relação com o visitante, a fim de que ele pense na existência do artista para além da obra ali presente e da cenografia como potente presença. Assim, embaralham-se realidade e ficção entre aqueles que habitam tal lugar, artistas e personagens extraídos do cotidiano ou da imaginação, presentes através da obra exposta, bem como aqueles extraídos dos contextos fictícios, aos quais se remetem as obras e suas narrativas.

O Desenho da Cena no contexto de uma exposição como *Personagens e Fronteiras: Território Cenográfico Brasileiro* não trata apenas de organizar o espaço e modo de expor, mas construir narrativas visuais e sensoriais através de diálogos entre as obras e seus personagens, da condução do público pelo espaço, da presença viva – não uma performance ao vivo no espaço, mas de elementos verdadeiros, vivos e pulsantes, carregados de narrativas e que transbordam, contam sua própria estória através de narrativas não-verbais. [...] Através de uma nova forma curatorial de expor, na intenção de melhor se adequar ao projeto específico, propõe para cada trabalho sua própria lógica, local e forma, apresentando mundos inteiros em cada um dos projetos. Isso cria uma certa diversidade nas formas de olhar e entender, no sentido de recriar cada contexto, interação e significado. [...] A exposição Brasileira na Mostra de Países e Regiões resultou de fato como um lugar, mais do que um espaço, no qual o visitante sente-se convidado a passar horas lendo, vivenciando, descobrindo além do que uma primeira superfície apresenta (LOTKER, 2012).

A direção artística e o júri reconheceram ainda que a exposição apresentava uma proposição política, urgente e significativa, ao apresentar a

multiplicidade de formas e possibilidades que se afirmam como cenografia, trazendo à tona esse ponto de transformação necessária e o questionamento acerca dos diversos lugares para a cenografia existir viva e ativa. “A vivacidade, a multiplicidade presente nesse conceito rompe barreiras e, ao fazê-lo, encontra sua identidade, apresentando-a viva, sem medo de desestabilizar e questionar” (LOTKER, 2012, p.12-13).

Com essa bem-sucedida realização, um ano mais tarde, em 2012, eu receberia o convite da direção artística, mais uma vez sob a coordenação de Sodja Lotker, para integrar a equipe curatorial internacional da 13ª edição da PQ, a PQ2015, abrindo a possibilidade para outra “viagem” para criar outros dois projetos: a curadoria de *SharedSpace - Politics* e a ocupação *No Man’s Land*.

O tema principal lançado por Lotker para a PQ’2015, *SHARED SPACE*, apresentava um duplo sentido entre: Espaço Compartilhado e Espaço Fragmentado. Entre fragmentação e compartilhamento, foram identificados três eixos relativos à prática do design para performance: *som*, *tempo* e *espaço*.

Assim, o tema da PQ2015, *SHARED SPACE: Music, Weather, Politics (Espaços Compartilhados: Música, Atmosfera, Política)*, demandou a participação de três curadores internacionais, convidados a abordar conceitualmente cada um desses tópicos. Desse modo, ao lado dos colegas Jiří Heřman, diretor de ópera atuante na República Tcheca, e Simon Banham, cenógrafo e educador do Reino Unido, construímos propostas curatoriais balizadoras para a grande exposição na PQ’ – a Mostra de Países e Regiões (Mostra Nacional). Responsável pelo segmento Politics, parti do conceito de espaço como política e, além da proposta curatorial, desenvolvi o projeto *No Man’s Land (Terra de Ninguém)*, diretamente relacionado ao tema do espaço e sua ocupação.

Com o *No Man’s Land* relatei os três eixos: *som*, *tempo* e *espaço*, na intenção de apontar para intersecções entre os eixos que estruturam a linguagem do desenho da performance e de explorar as fronteiras das linguagens do teatro, da performance e das artes visuais.

## POLITICS: NO MAN'S LAND (*TERRA DE NINGUÉM*)

Figura 3 – Foto da Ocupação *No Man's Land*. na PQ'2015.



Fonte: Imagem de arquivo da autora. Praga, jun./2015.

*Terra de Ninguém*<sup>15</sup> diz respeito à criação de um território delimitado como espaço compartilhado e de ocupação no contexto da PQ2015. Na região conhecida como *Praga Crossroads*<sup>16</sup>, um território desenhado e aberto à coexistência de uma diversidade de elementos reais ou fictícios, deslocados de sua origem e levados para ocupar um tempo e espaço em comum, configurado no contexto da PQ'. Uma arena temporária dedicada à justaposição de imagens, opiniões, ideias, ações e à reflexão. Um lugar de encontro para o desenho da cena, concebido com fragmentos dos quais emergem narrativas e deflagram-se ações. Um lugar utópico, caracterizado pela coexistência, pautado por ações de negociação diante de sua contínua e livre ocupação, no qual artistas eram convidados a integrarem e deixarem sua marca. Entre os artistas participantes, destacam-se dois do *grafite art*: Galo de Souza, do Brasil, e Michal Škapa, da República Tcheca. Eles foram convidados a criar um espaço narrativo que combinava ficção e realidade, que se unia à paisagem sonora interativa desenhada por Ian Evans, do Reino Unido. Todos em consonância com a teatralidade da PQ' e o contexto da cidade de Praga.

Durante a PQ2015, nessa *Terra de Ninguém*, três ocupações foram realizadas, pautadas por provocações distintas, sendo que: a primeira

15 *POLITICS - No Man's Land/ Terra de Ninguém*: instalação + improvisação + inspiração. Local: CROSSROADS, Zlata Ulice, Praga, 2015. Concepção e desenho do espaço cênico: Aby Cohen.

16 Praga Crossroads (Encruzilhada de Praga) é uma região criada pelo ex-Presidente tcheco – o dissidente, escritor e dramaturgo – Václav Havel, com objetivo de dedicar um local no centro de Praga para abrigar manifestações culturais diversas. Um local sugestivo, marcado pelo cruzamento de algumas ruas e tendo como marco a igreja de Saint Ann, onde todos os tipos de reuniões palestras, debates, concertos, performances, exposições, mediação e acontecimentos de caráter cultural podem ter lugar, regido pelo espírito de respeito pela diversidade multicultural do mundo moderno.

explorava os *Territórios Compartilhados entre o Teatro e a Performance*; a segunda tratava do *Espaço Narrativo*, composto de elementos cênicos dispostos nessa arena livre para a criação de narrativas; e a terceira buscava traçar *Uma cartografia para PQ2015*. Ocupações que resultaram de processos orgânicos, com a presença e participação do público, conduzindo a processos da prática e da reflexão que evidenciavam a cenografia e seu espaço pulsantes, estabelecendo-se como uma fronteira latente de linguagens, passível de existir para além de uma relação com a narrativa textual, como lugar independente, sem medo de romper ou questionar.

## RETORNO

As experiências, tanto curatoriais como as de desenhar a cena e seu espaço, com a liberdade e repercussão encontradas no contexto da Quadrienal de Praga, contribuíram com o amadurecimento necessário para a criação de projetos inovadores, pautados pelo desejo de colocar o desenho da performance em destaque. Esses ensaios e realizações bem-sucedidos nas edições da PQ2011 e da PQ2015, foram propulsores para a realização de projetos fora do contexto da Quadrienal de Praga e que, finalmente, encontrariam ressonância aqui no Brasil.

Como resultado dessa trajetória, em 2016 inaugurei o projeto *Desenhos de Cena#1*, realizado e apresentado pelo SESC, na unidade Pinheiros, em São Paulo, durante três meses, entre abril e junho de 2016. Mais do que um projeto, com o *Desenhos de Cena#* procuro afirmar, na prática, esse campo fértil de expressão artística e de intersecção entre o teatro, a instalação e a performance.

O projeto nasce, portanto, do desejo de criar um lugar vivo, um campo rico de experiências, compor meio de imagens e composições que se apresentam não apenas como corpos para contemplação, mas que definem um lugar, que desenham o espaço na criação de narrativas cênicas, como um grande *palco* compartilhado. Nesse palco, desdobram-se cenas vivas ou arquivadas e nele diversas expressões do *desenho da cena* coabitam e dialogam, podendo ser vivenciadas por todos, independentemente da língua, cultura, origem ou área de linguagem. Um palco onde as histórias e todos os temas – amor, morte, medo, conquista, realidade, ilusão, etc. – existem graças à interação entre as disciplinas desse desenhar e no qual o público é atuante.

Figura 4 - Foto do Projeto Desenhos de Cena #1. Instalação sendo ativada: Ni Una Mas, de Giulia Pecorari (Itália)



Fonte: Imagem de arquivo da autora. São Paulo, abr./2016.

*Cena#*, é reconhecidamente um projeto pioneiro, destacando o coletivo e o individual, reunindo a produção de um grupo selecionado de 16 artistas, representantes de oito países e de todos os continentes. Artistas do teatro, das artes visuais e da performance, cujas obras partem do desenho da cena na concepção de obra instalada, performance ou produção teatral. Obras que potencializam as rupturas de fronteiras de linguagens e que se revelam transformadoras e inspiradoras no combate à estagnação e à repetição do mesmo fazer.

Figura 5 - Foto do Projeto Desenhos de Cena #1. Instalação sendo ativada como Performance: *The Water Banquet*, Richard Dawning (Reino Unido)



Fonte: Imagem de arquivo da autora. São Paulo, abr./2016.

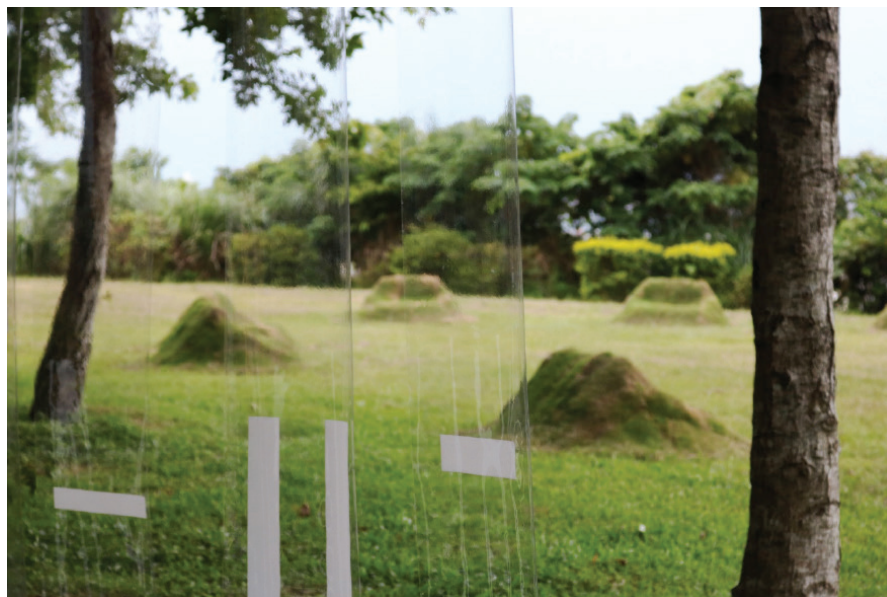


Celebrando esse novo caminho, apenas um ano depois, em julho de 2017, ocorreu a segunda edição desse projeto, *Desenhos de Cena#2: WSDesign Playground Project*, que integrou o festival internacional da cenografia e desenho da performance: o World Stage Design/Scenofest<sup>17</sup>, em Taipei/Taiwan.

Em *Cena#2* proponho uma construção e dinâmica distinta de *Cena#1*. O *Cena#2* apresenta um caráter mais experimental, promovendo os processos do fazer como performance, explorando a cenografia como processo e o processo como performance. Ambos os projetos tiveram em comum o fato de considerar, como eixo fundamental, as práticas não textuais da cena – as poéticas visuais, sonoras e sensoriais da cena. A cenografia agora vista para além da obra, explorando os processos de sua concepção e conduzindo para possibilidades de formatos e atribuições diversas.

Para realizar *Cena#2*, foram convidados artistas de quatro países: Austrália, Brasil, Reino Unido e Taiwan. Para eles, foi proposto conduzir processos de curta duração, voltados, cada um, a uma disciplina específica do desenho da cena: espaço, som, luz e objeto. Os processos aconteciam em dias alternados e como que “brotando” aos poucos, ao longo dos dez dias do Festival, desenhando em uma área externa, um lugar que resultou de fato em um *play-ground* vivo e pulsante.

Figura 6 – Foto do Projeto Desenhos de *Cena #2: WSDesign Playground Project*



Fonte: Imagem de arquivo da autora. Taipei, jul./2017.

<sup>17</sup> *World Stage Design/Scenofest* é um projeto criado e promovido pela Organização Internacional dos Cenógrafos, Técnicos e Arquitetos do Teatro (OISTAT). Acontece a cada quatro anos, no intervalo da Quadrienal de Praga, em diferentes países. WSD2017 é a quarta edição do evento, sediado em Taipei, Taiwan. Disponível em: <[www.wsd2017.org](http://www.wsd2017.org)>.

Figuras 7 e 8 – Foto do Projeto Desenhos de *Cena #2: WSDesign Playground Project*



Fonte: Imagem de arquivo da autora. Taipei, jul./2017.

Considerando que os projetos aqui citados tiveram lugar em três países de três continentes distintos, República Tcheca, Brasil e Taiwan, sendo todos bem-sucedidos e acolhidos pela comunidade internacional do desenho da performance, é possível afirmar a existência de olhares e intenções convergentes no que diz respeito à necessidade de explorar outras formas de abordagem da cenografia na atualidade. Nessa curva inevitável da estrada que estamos a percorrer, convido a refletir sobre: *O que é a cenografia hoje?*; *Como é a cenografia hoje?*; e ainda *Como a cenografia vai acontecer hoje?* Perguntas lançadas não apenas para uma análise teórica, mas para que sirva como combustível criativo para outras e inovadoras proposições para a cenografia como performance.

## REFERÊNCIAS

- ARONSON, Arnold; PARIZKOVA, Daniela. *Exhibition on the Stage: Reflections on the 2007 Prague Quadrennial*. Praga: Institut umeni/Divadelni ustav, 2008.
- BOSCH, Anne Karin ten. Does Scenography Still Exist? In: LOTKER, Sodja. *Transformations of Prague Quadrennial from 1999 to 2015*. Praga: Arts and Theatre Institute / Prague Quadrennial, 2017.
- COHEN, M. Aby; TEIXEIRA, Ronald. Personagens e Fronteiras: território Cenográfico Brasileiro. In: MUNIZ, Rosane (Org.). *Brasil PQ'11: Quadrienal de Praga – Espaço e Design Cênico*. Tradução Karina Zasnicoff. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2011.
- CRAIG, E. Gordon. *Da arte do teatro*. Lisboa: Editora Arcádia, 1963.
- DEWEY, John. Arte como experiência. Org.: BOYDSTON, Jo Ann. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- KANT, Immanuel. *A crítica da razão pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- LIMA, M.A.; GUINSBURG, J.; FARIA, J.R. *Dicionário do teatro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva: Edições SESC SP, 2009.
- LOTKER, Sodja: An Exhibition Book – Um Livro-Exposição. In: MUNIZ, Rosane (Org.). *Brasil PQ'11: Quadrienal de Praga – Espaço e Design Cênico*. 2. ed. Tradução Karina Zasnicoff. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2012.
- MORGAN, Jessica; WOOD, Catherine. *The World as a Stage*. London: Tate Publishing, 2007.